Nº 171

JOÃO VERDE.

ARES DA RAYA.

DEMIA
SA
ÑA
2
a

VIGO
LIBRERÍA Y TIPOGRAFÍA DE EUGENIO KRAPF
1902.

REAL ACADEMIA
GALEGA
A CORUÑA
392
Biblioteca

JOÃO VERDE.

ARES DA RAYA.

VIGO
LIBRERÍA Y TIPOGRAFÍA DE EUGENIO KRAPF
1902.

Andei por muito tempo a procurar
Entre alfarrabios, sacudindo pós,
Os antigos escudos do solar,
O armorial azul dos meus avós.

Depois de muito procurar achei-o
No archivo secular das tradicções;
E como d' elle a inspiração me veio
Fica sobre o portal d' estas canções.

Vendo-os assim tão pertinho,
A Galliza e mail' o Minho,
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quasi desde o nascimento.
Deixal-os, pois, namorar,
Já que os paes para casar
Lhes não dão consentimento.

Andaban os meus versos esparexidos por eses mundos adiante e déronme antoxos d'axuntalos n-un libro, cicáis por la misma razón qu'o pai de numerosos fillos, ciscados pol-a terra, cobiza velos a todos, n-o dia d'o seu santo, ô redor d'a sua meza.....

GARCIA FERREIRO.
(Poeta gallego.)

ENVIO.

Ha uma saudade estendida
Por essas paginas. Lê!
Pedaços da minha vida
Torturada, incomprehendida,
Toda amor, mas já sem fé.

Levam talvez do meu rosto
A alegria desegual,
São como a luz do sol-posto,
São como um negro desgosto
Vestido de cardinal.

Penso, por vezes, medito
No que esse cantar encerra....
Repara pr'a o céo bemdito
Como alegra um povo afflicto
Nos campos da nossa terra.

O vento que geme e passa
Na ramada dos pinheiros
Não leva os ais da desgraça.
Qu' importa á aguia qu'esvoaça
Um ninho d' entre os salgueiros?

Meu pobre cantar vivi-o,
Naturalmente, no lar;
E' um cantar doentio,
Folhinhas que leva o rio
P'r'ás profundezas do mar.

Tem a alegria forçada
D'este rincão do alto-Minho,
E a nostalgia doirada
Da Galliza abandonada
Como avesita entre o ninho.

Já reparaste por certo
Nos versos em que te canto:
Parecem um céo-aberto,
Mas, como a chuva está perto,
Comsigo trazem o pranto.

São assim os meus cantares,
Filhos do meu temp'ramento;
Creados n'estes lugares
Beberam nos teus olhares
O sol, a chuva, o relento.

São quasi como engeitados,
Quiz recolhel-os, ahi vão;
Por que andavam transviados,
Abriga-os nos teus cuidados,
Filhos do meu coração!

O MAL-DA-TERRA.

Para Trindade Coelho

Contista.

.....A emigrazon y ó Rey, arrebatanlles de continuo, o amante, o hirman, o seu home, sosten d'a familia de cote · numerosa, e asi, abandonadas, chorando o seu desamparo, pasan a amarga vida antr'as incertidumbres d'a esperanza, á negrura d'a soidade y as angustias d'un-ha perene miseria. Y o mais desconsolador par'élas, é, que os seus homes vans'indo todos, uns por que ll'os levan y outros porque o exempro, as necesidades, âs veces un-ha cobiza, anque disculpabre, cêga, fannos fuxir d'o lar querido, d'aquela á quen amaron, d'a esposa xá nay e d'os numerosos fillos.....

ROSALIA CASTRO DE MURGUÍA.

(Follas Novas)

Hybernal

Treme o inverno á nossa porta,
Mendigo nú, enregelado;
E a pobreza semi-morta,
Ao vento, á chuva, ao ar que corta,
Vem pedir lume ao povoado.

Gentes, aonde a neve é dura
E falta o pão, ás debandadas,
Vejo-as cruzar em noite escura
Atalhos—ruas-d'-Amargura—
Para dormir junto ás estradas.

Pobres que vão, d'habitos rôtos,
Ao cahir da noite, sem luar,
Vejo-os corridos por garotos
Que vão das villas como esgotos
P'r'ó elemento militar.

Espalha o frio, espalha o mêdo,
Róca que fias nos serões.
O inverno chora no arvoredo
A esperar venha mais cedo
O sol doente com sesões.

Visão nocturna e receiosa
Desce das furnas, de vagar,
Lobo! ó forma tenebrosa,
Locomotiva silenciosa
Que vens p'ra nós, a olhar, a olhar.....

Repousam quentes nos palheiros
Esses que a tréva surprehendeu,
Tendo por manto os nevoeiros,
Tendo por guardas os rafeiros,
Tendo por luzes as do céo.

Que frio intenso! A néve córta,
Uivam os lobos, os malditos.
O inverno bate á nossa porta.
Véla a pobreza semi-morta,
Nossa-Senhora-dos-Afflictos!

Preludio

Casinhas brancas da encosta,
Saudades do meu lugar,
Eil-a ahi vem, a mala-posta,
Que eu bem a sinto rodar.

E' o caixão da minha vida,
Morte do meu coração;
Eil-a ahi vem, a toda-a-brida,
Accordando a solidão.

Como a noite está tão clara,
E a minha é tão escura!
Meus dias quem vos levára
P'rá noite da sepultura!

Caminheiros, descobrí-vos
A' luz santa do luar,
Que passa o carro dos vivos
P'ró Repouso d' além-mar!

Meu olhar que te não perdes,
Minh' alma, que tenho eu?
Campos verdes, campos verdes,
Esp'ranças, onde vou eu?

Casinhas brancas da encosta,
Saudades do meu lugar,
Eil-a ahi vem, a mala-posta,
Que eu bem a sinto rodar.

Em partida

Como não andar em risco,
Meu rapaz d'olhar tão vário!
Na tua sombra anda o fisco,
Na tua frente o judiciario.

Choras, bom velho? detem
Esse pranto ao ar ameno.
A cova aqui..... ou além.....
A diff'rença é de terreno.

Mulher's tostadas, ossudas,
Frontes murchas, resignadas,
Como as paredes sois mudas,
O' companheiras amadas.

Creancitas inconscientes,
Almas de lagos, felizes,
Sois como as plantas nascentes,
Como as plantas sem raizes.

Quem sabe emfim o que vae
Em cada alma emigrante...
Mãe ou filho, irmão ou pae,
Vae com Deus, miseria-andante.

A caminho

Já abre o leque de rosas
Da manhã sobre a paysagem
As varetas luminosas.

E o carro vae transportando
A léva dos emigrados,
Silenciosa, penando.

Deixam os altos das serras
E a legião dos pinheiros
Como vigia das terras;

Deixam as tristes ermidas,
Doces e brancas freirinhas,
Entre o arvorêdo escondidas;

Deixam pelos logarejos
As fontes sob as latadas,
Onde o amor se troca em beijos;

Aqui e além, muito esguias,
Apontando aos céos bemditos,
As torres das freguezias.

Por sobre o pó das estradas
Abre o sol, papoula d'oiro,
As suas pétalas sagradas.

E do seu olhar violento,
Para a verdura dos campos,
Nasce este recolhimento

Que parece, e acredito,
Estar Elle a erguer-a-Deus
No altar-mór do Infinito.

E o carro lá vae seguindo
C'o a léva dos emigrados,
As suas maguas carpindo.

Adeus

No porto, á hora do dia
Em que o céo põe sobre a terra
Um véo de melancolia.

A vida nos cáes parece
Toda uma dança de sombras
Que lentamente esmorece,

Como o arruido bravio
Que longe vem da cidade
P'ra morrer ao ar do rio,

Onde os pios das narcejas
São os ais dos afogados,
E onde, lampadas d'egrejas,

Os pharóes das naus gigantes
Parecem dar a tristeza
A's almas dos emigrantes.

O mar ao longe murmura,
Eternamente trahidor.
Vem cahindo a noite escura,

Immenso panno de fundo
Que Nosso-Senhor baixasse,
A tremer, por sobre o mundo,

P'ra esconder o pranto amargo
De tanta gente que anceia
A solidão do mar-largo.....

Sobre as cartas

Aragens frias da tarde,
Ventos que vindes do mar,
Lá de longe, onde o sol arde,
Que novas trazeis ao lar?

Emissarios do Infinito,
As cartas que nos mandaes
Mostram já no sobrescripto
Que os caractéres são ais.

A' nossa terrinha agora
Que vindes vós cá fazer?
Triste na orphandade chora,
Já ninguem vos sabe ler.

Batei ás portas das casas,
Impellí a neve e as chuvas.....
Ai das lareiras sem brazas,
Ai das choupanas viuvas!

Ninguem da funebre estancia,
Oh! ninguem vos ouvirá;
Nem os velhos nem a infancia...
Tudo partiu! vêde lá!

Ficou por'hi meio cento
De braços, ou pouco mais:
Burocratas sem alento
Ou politicos..... feudaes.

Sorve-lhe os fructos a renda,
Que a ambição não tem balisa.
E' o celleiro a Fazenda,
E o mal das terras a Cisa.

Espremida a propriedade
Na prensa dos inventarios,
Ahi tens tu a orphandade
E os futuros proletarios.

E outro mal da agricultura,
Dos campos ainda outro mal,
E' o philoxera da Usura,
E' o Banco-de-Portugal,

O syphão que a toda a hora,
Por insondaveis mysterios,
Transfere o suor da lavoura
P'rós papeis dos ministerios.

Os campos! vêde p'r'ahi
Que grande desolação!
Ai de nós! quando é que eu vi
Lar sem lume, eira sem pão?

Por isso, cartas, saudades,
Que vindes vós cá fazer?
Andam de lucto as herdades,
Já ninguem vos sabe lêr.

De lucto andam, de lucto,
Pois já não vingam as preces
Contra a praga do Tributo
Que destróe a Vinha e as Messes.

Os rendeirinhos, coitados,
Se vão atalhar ao mal,
Surgem-lh'os dentes rasgados
Da Contribuição-Predial.

E da extincço do flagello
Ainda não bem seguros,
Accorda-os o camartello
Da Contribuição-de-Juros.

O proprietario vestido
Do triste burel do pária
Treme só com o zumbido
Da Contribuição-Sumptuaria.

Que invasão desvastadora
De raiva, dôr ou de magua!
E sobre isso a cada hora,
A vareja do Real-d'-Agua.

E mais microbios, principio
De ténias, escorpiões:
A Parochia, o Municipio,
A Congrua, as Subscripções.

E' essa que a terra soffre
Epidemia cruel,
Para a qual não vale o enxofre,
Nem o inventor Vermorel.

Por isso, cartas, saudades,
Que vindes vós cá fazer?
Andam de lucto as herdades,
Já ninguem vos sabe lêr.

A flôr do Minho viril,
—Agora um triste er'miterio,—
Anda por lá no Brazil
Que hoje é o nosso cemiterio,

A valla commum d'aquelles
P'ra quem a Patria, afinal,
Não passa d'um trecho reles,
D'urze, rôço ou pinheiral;

Valla já tão estrumada
Das almas dos lusitanos,
Que em nada extranho, em nada,
De certos em certos annos,

D'uma terra assim creadora,
Na ankylose do dinheiro,
Brote a rara e a tráidora
Flôr oval d'um «brasileiro.»

Regresso á terra

Pinheiraes da minha infancia,
Venho pedir-vos pouzada.
Sou como um pobre da estrada
A quem a noite alcançou.
Sanatorios descobertos,
Venho pedir-vos remedio
Para a tristeza e p'ra o tedio
De que a minh' alma enfermou.

Vid'airada d'outros tempos
Pelos caminhos deixei-a.
Mocinhas da minh' aldeia,
Vinde ver-me ao hospital.
Paz santissima dos montes,
Ouço apenas os pinheiros,
Silenciosos enfermeiros
Rezando no pinheiral.

Não sou o mesmo que algures
Vós vieis nas romarias,
Cantando as trovas vádias
D'um rapaz enamorado.
Trago as lembranças da terra,
Bemditas como um rosario,
Gastas no torpe fadario
De tres annos de soldado.

Perdi as árias que d'antes,
Por vindimas e esfolhadas,
Eu dizia ás namoradas
Entre adegas e canastros.
Pesaes mais que as espingardas,
Ferros duros da lavoura,
Vara do gado que agora
Mal posso mover arastros.

Eis no que deram dois braços
Potentes de lavrador!
Eis no que deram, Senhor,
Mal-o-haja a dura lei!
Tres annos foram perdidos
Pela escola das casernas:
O vicio, o jogo, as tabernas,
Eis o que é servir o Rei.

E emquanto as terras gretavam
Ao sol e á chuva inclementes,
Deixavam a aldeia as gentes
Em cata d'outro hemispherio.
Voltavam filhos da praça
Encontrando o lar deserto,
E, repouzando alli perto,
Paes e mães no cemiterio.

Desconheço estes lugares
E o casal onde nasci,
As fontes onde bebi
Os beijos do meu amor.
Torres das nossas egrejas,
Harmonias da quebrada,
Que é feito da minha amada,
Minha noiva e minha Dôr?

As hervas crescem nos muros
Da casinha onde eu morava.
Cresce a urze á terra escrava
Onde foram os trigaes.
Chiar dos carros no atalho,
Vivas canções dos caminhos,
O' moças dos meus carinhos,
Que é d' ul-as? onde é que estaes?

Já não canta a cotovia
Ao levantar d' Alvorada,
Nem se ouve a voz arrastada
Da guardadora nos prados.
Apenas gemem dolentes
Os ais perdidos das aves
Dos pinheiraes pelas naves,
E, ao longe, o mugir dos gados.

Por mais que escute e procure,
Desde o monte até ás casas,
Vejo apenas campas rasas
E não encontro o meu bem.
Pergunto ás cruzes amigas
Que se erguem n' algum recanto....
Que as cruzes do Campo-Santo
Não dizem nada a ninguem.

Pinheiraes da minha infancia,
Venho pedir-vos pouzada;
Sou como o pobre da estrada
Cujo corpo adhére ao chão.
Cobre-me, terra bemdita,
Minho que a minh'alma encerra,
Coração da minha terra,
Cova do meu coração.

AS CANTILENAS

Para D.ª Filomena Dato Muruáis,

POETISA,

EM ORENSE.

Voe soli...

Mesmo na extrema dos nossos prados
Havia un souto de castanheiros
Onde, nos dias santificados,
Iam, ás tardes, os namorados
Trocar o affecto d'amor's primeiros.

Todo coberto de musgo e hera,
Braços abertos, pedindo em vão,
Um velho, enorme, cruzeiro erguera
A sua fronte, rude e sincera,
N'aquella vaga da solidão.

E os namorados indifferentes,
Em bodas cheias, por entre abraços,
Iam bebendo beijos ardentes,
E a Cruz pedia pelos descrentes
Misericordia para os Espaços,

—Prece infinita pr'á Immensidade,
Toda pureza de branco altar,
A que Ella ergüia na soledade
Ao sol côr d'oiro que a terra invade,
Á côr de prata luz do luar.

E sempre em vão, em vão!—desejo
Mudado em santa resignação!—
A Cruz clamava no extenso bréjo.
A' poderosa força do Beijo
Ninguem resiste, ó Coração!

Hoje, na extrema dos nossos prados,
N'aquelle souto de castanheiros,
Vejo-A partida, toda aos bocados,
A Cruz onde iam os namorados
Trocar o affecto d'amor's primeiros.

E nas d'inverno noites calladas
Já velhas dizem para as estrigas—
«Que por lá andam almas-penadas,
Que são as queixas amarguradas
Da Castidade das raparigas».

Do conto

A noite escura baixava.
De cantarinha na mão,
A pequenita chorava
Que cortava o coração.

E' que entre o lugar e a fonte
Ha muito causava horrores
O extenso pinhal do monte,
Povoado de malfeitores.

E a noite escura baixava.
De cantarinha na mão,
A pequenita chorava
Que cortava o coração.

Foi quando a madrinha sua,
A Virgem, vendo-a a chorar,
Mandou accender a lua
P'ra lhe vir allumiar.

O que se diz no pomar

Bellas moças solteirinhas
Que bailaes a bom bailar,
Somos em flôr carregadinhas,
Vinde vestir-vos noivinhas
P'ró noivo vos desfolhar.

Ainda ha mais alvo linho
Qu'esse do vosso tear;
E', raparigas do Minho,
O que tecemos lévinho
E vestis para casar.

Os fios de que elle é feito
São mais brancos que o luar.
Começam no vosso peito
E vão prender-se no leito
P'ra nunca mais se quebrar.

O manto d'estas velhinhas
Ninguem o pode igualar,
Bellas moças solteirinhas,
Pois vos tornam córadinhas
Apenas vindes do altar.

Mal dura ás vezes um dia
O perfume que levar.
Vem roubal-o a Noite fria
P'ra dar á Lua, uma espia,
Que é p'rá Lua se calar.

Senhor Reitor, Senhor Reitor,
Veja o que vai pelas eiras.
São tantos botões em flôr,
Tantos os beijos d'amor,
Tantas as moças solteiras.....
Senhor Reitor, Senhor Reitor,
Veja o que vai pelas eiras.....

O que dizia o linho

Cantarolando um ar do Minho,
A flôr mais linda do lugar,
Segando a herva ao pé do linho,
Tambem segava no linhar.

E aconteceu que, no caminho,
Um velho, um dia, indo a passar,
E vendo assim segar no linho,
Parou-se á beira a comtemplar.

E eis o que ouviu e p'ró moinho
Nos veio o velho então contar,
O que a chorar dizia o linho;
Porque a manhan'stava a orvalhar:

«Com que desprezo tu me cortas,
»Ó linda mão trigueira e audaz!
»Quando as miradas são absortas
»Já nem o amor sabe o que faz!

»Nem tu te lembras qu'inda um dia
»Has de envolver-me na tua róca,
»E hei de sentir em noite fria
»Todo o calor da tua bocca.

»Que em deixando a escura terra
»Do campo verde em pleno val',
»Enxugarei sangue na guerra,
»Sorverei puz n'um hospital.

»Que hei de sentir anceiar teu peito
»Na rosea noite do noivado.
»Que hei de envolver-te em niveo leito
»E n'um corpete rendilhado.

»Que hei de ser na ultima hora
»Para os pobrinhos a mortalha,
»Tal como sou quem agasalha
»Logo ao nascer a creança loura.

»Que hei de sentir gemer as aguas
»Do rio por noites d'estrellas
»E hão de ser as minhas maguas
»Os duros golpes d'espadellas.

»Com que despreso tu me cortas,
»O linda mão trigueira e audaz!
»Quando as miradas são absortas
»Já nem o amor sabe o que faz!»

Morria a tarde pela veiga....
A flor mais linda do logar
Vinha chegando c'o a taleiga...
E entrava o moinho a cantar.

SONETOS D' ARRABALDE.

Para **D. Manuel Olivié,**

PUBLICISTA,

EM VIGO.

I

Se eu lhe passava á porta e dos cavallos
As guizeiras, de longe, lh'o diziam,
Nas noites quentes em que cantam rálos,
Logo as janellas, par em par, se abriam.

Rapidos, presto, lépidos, fugiam,
Estrada fóra, ao echo dos estallos,
Os passaros das sebes que tremiam
Á leve aragem para adormental-os.

Abria-se da quinta a grade e abrindo,
Toda de branco,—o fragil corpo lindo!—
Era ao luar feerico, de willi.

E eu descia. Quando ella vinha
Ruflando os braços como uma andorinha:
—Ha tanto tempo que não passa aqui!—

II

Pé ante pé, junto de mim, vieste
Ao ouvido dizer-me o quer que fosse,
N'uma suave musica celeste
Da tua voz cariciosa e doce...

Logo, o teu vulto célico finou-se...
Ninguem na sala. E da campina agreste
Um aroma balsamico evolou-se,
Como o das rosas que o teu peito veste.

A lua olhava esse balcão florido,
E o meu pensar vagava foragido
Pelas estrellas na viagem louca.

Depois voltaste, rindo do meu susto,
E foi de beijos um festim augusto,
Ao vinho essencial da tua bocca.

III

—«Ha de escrever-me muitas vezes, ha de?
«Diariamente, se possivel fôr?
»Ou quer que eu morra aqui de saudade,
»Ou quer que eu viva cada vez peior?

»Vai agora morar para a cidade,
»Adeus aldeia! lembra-se o Senhor,
»La bem da aldeia nem da mocidade
»Das lindas terras, nem do-Seu-Amor!

»Nós as do campo raparigas tontas
»Em tudo crêmos e no fim de contas
»Nos pagam bem nosso fiel peccado!-»

E quedou-se a chorar á minha beira...
Mas n'isto passa o carro-da-carreira...
Amanhecia pelo povoado...

BEIRA-MINHO.

Para o Senhor Visconde da Torre.

P'rá Nena leer.

(A' MEMORIA DO POETA GALLEGO
ALBERTO GARCIA FERREIRO.)

Fuxiu-te aquele gueiteiro
N'o bando d'as *Valvoretas.*
Er' un esprito feiticeiro,
A froor d'os vosos poetas.

Andab'a capir *Chorimas*
Dende Vigo hast'ra Monforte,
Como che coller'as rimas
N'os bastos xardins da Morte.

Cando me veo a noticia,
Eu dixen—«que door me fai!
Lá che soltou máis un ai
D'as entrañas d'a Galicia.»—

Campestre.

Quando os gallos cantam
Pela madrugada,
Queres saber?
Anda a minha alma
Toda alvoroçada
Para te vêr.

Ai! qu'explendorosas,
Que manhãs são estas,
O' floreal!
E' que o céo reabre
Entre luz e festas,
Auroreal.

Vivam lá! bons dias
Todos os visinhos
D'aqui, d'alem...
As madrugadoras
Por estes caminhos
Que frescas vêm!

P'rá primeira missa
Repicaram sinos,
Que alegre som!
Vão por campos fóra
Que parecem hymnos
D'um coração.

Quem vae lá que canta
Por manhãs serenas,
Quem é que vae?
O' da minha aldeia,
Brancas e morenas,
Cantae, cantae!

Oh! se tu ouvisses
O cantar dos gallos
Pela manhansinha,
Quando se hão callado
No paul os ralos,
O' vida minha,

Como abandonavas
A macia alcova,
Teu doce lar,
Rejuvenescendo
P'ra uma vida nova
Mais salutar.

Andam já nos campos
As mulher's sadias
A trabalhar.
P'ra mim desce a noite...
Vivam lá, bons dias!
Vou-me deitar.

D'a muiñeira

(AR DE LUGO).

Todal'as moças vem ó moinho,
Todal'as moças ó moinho vem.
Vós bem sabendes, moças do Minho,
Vós bem sabendes quem vos quer bem.

Tendel'a pelle branca, branquinha,
Tendel'os peitos como um limão,
Tendel'a cara côr de farinha,
Tendel'os olhos côr de carvão.

Traz de los montes, côr de morango
Côr de morango vem vindo o sol.
Vamos bailar ao sol o fandango
Com pandeireta e gaita de fol!

Gaita, gaitinha, ai! feiticeira,
Gaita, gaitinha que alegra o sol;
Porque foi feita p'rá moinheira
E' que lhe chamam gaita de fol!

Madrigal antigo.

Um cravo e mais uma rosa
Estavam hontem arrufados:
—*Elle:*—Como és orgulhosa!
—*Ella:*—Como sois malvados!—

E disse então o cravo á rosa,
Seu mais antigo namoro:
—Das nossas irmãs que adoro
És tu sempre a mais formosa.

Mentiu o cravo certamente.
Sabes porque, coração?
Porque n'essa occasião
Não estavas tu presente.

Recuerdo.

Juanita, la hermosa bailadera
A' quien, por Dios! el alma mia déra,
Hace dos años que no más la vi.
Negros, lucentes, como dos puñales,
Volved á verme, ojos celestiales,
Y no m'olvides, palomita así.

Pues si no hay en toda la Galicia
Quien como ela baile, la dilicia!
Una jota, el fandango, el rigodon,
Que hast'el proprio cura lo decía:
—Mujer que aun concluirá un dia
Por hacerme bailar el corazon!—

POBRES RIMAS AO VENTO.

Para **D. Benito Fernandez Alonso,**

HISTORIADOR,

EM ORENSE.

Outomnal.

Olha tu. Sinto-me agora
Com vontade de cantar.
Cigarra que assim demora
Deve ser para chorar.

Tenta-me toda a paysagem
Santificada do outomno.
Outubro traz de mensagem
Aos campos este abandono.

Vejo da minha varanda
Que é o Angelus, ó Crença!
Benção que á tarde Deus manda
A' terra em convalescença.

E a terra, effectivamente,
Recolhida no seu quarto,
Parece ainda doente
D'um difficilimo parto.

Ao sol candente d'agosto
Preparou p'ra vomitar
Toda esta lava do mosto,
Como um vulcão singular;

Expelliu para o celleiro
Ricos cereaes a flux,
Como um immenso luzeiro
Expelle feixes de luz.

E emquanto que concebia,
E ao depois do olhar dos sóes,
Teve arias de cotovia,
Saudades de rouxinoes.

Da viola

Cantae alto raparigas
Quando eu fôr p'ró campo-santo;
O canto-chão não se ouve
E eu quero ouvir-vos o canto.

Levae-me devagarinho
Porque é pesado o caixão.
Leves são os meus peccados
Mas pesado o coração.

Desfolhae sobre elle cravos,
Como profanos desejos,
Que eu julgue pelo caminho
Que vou crivado de beijos.

Rasgae-me os pannos de crepe
Com que toldarem a alcova.
Prefiro o azul e o vermelho
Que negro basta o da cova.

Se a minha bocca deixasse
Dos beijos manchas escuras,
Tu devias ter a face
Crivada de sepulturas.

Podes dizer á vontade
Que não sabes quem eu sou;
Basta que eu saiba a verdade
Do que entre nós se passou.

Como ha memorias trahidoras
Sempre vou lembrar-te aqui,
Que se passas por mim córas,
Foges se passo por ti.

Dos teus olhos as janellas
São como as que ha nas egrejas;
Se ninguem assoma a ellas
Qu' importa que tu me vejas?

Olhas-me, é certo, e assim
Talvez que fosse melhor
Pensares antes em mim
Do que olhares sem amor.

Não me lastimes porque ando
Sempre de lucto, pequena,
Sou como os melros na penna,
De lucto e sempre cantando.

Guarda bem este conselho
Que já vem de muito longe
E que é já costume velho:
O traje não faz o monge.

Teus olhos enfeitiçados
Sahiram ao meu caminho;
Se não vou d'olhos fechados
Quasi ficava céguinho.

O temporal já foi tanto
Que o rio sahiu do leito.
Assim succede ao meu pranto
Se as dores não cabem no peito.

O meu amor mudou hoje
Da rua dos hospitaes.
Quem sabe lá se elle foge
P'ra não ouvir os meus ais.

Remedios te chama a gente,
Muda de nome, é melhor;
Pois vou de mal a peor,
Cada vez s'tou mais doente.

Despresas-me e eu te persigo.
Ahi tens a minha desgraça.
Eu sou como os cães de caça,
Por isso te não maldigo.

Depois de tempos volvidos
Em que o amor me professavas,
Comprehendi porque resavas
Ao Senhor dos Esquecidos!

Beijos brancos, beijos pretos,
Beijos de lucto e d'amor,
Eu quero beijos secretos
Que são os beijos sem côr.

São tantos os meus peccados
Que commetto com te vêr,
Que se têm sido contados
Devo estar no inferno a arder.

São feitas dos meus carinhos
As riquezas d'este amor;
Porque ha ricos pobresinhos
Com as graças do Senhor.

Quando eu sahi d'esta terra
P'rá vida de militar,
Fui preparado p'rá guerra
Na guerra do teu olhar.

Logo vi quando escreveste:
«Mil beijos acceita aqui»
Que por certo t' esqueceste,
Porque nunca os recebi.

Vieram dizer-me que andava
A morte á minha procura,
Quando afinal eu morava
A's portas da sepultura.

Prendem-se ás tuas janellas
As trepadeiras em flôr.
Fossem meus olhos aquellas
E estas o teu amor!

Com o pouco que te peço
Todo o meu soffrer termina,
Porque o mal de que padeço
Não o cura a medicina.

Que é uma alegria apparente
Aquella que em mim existe?
Será, mas ando contente
Só por saber que andas triste.

Deixa sempre de fingir
Aquillo que nunca sentes.
Tu choras só p'ra não rir
E se ris é porque mentes.

Fim de tarde

Toca o sineiro na torre
E o sino toca a quebrado.
E' signal de que alguem morre,
Velhinhas do povoado

Hora santissima e breve,
Tanger dos sinos d'alem,
O' Anjo d'azas de neve,
Lembras-me tu, minha Mãe.

Lembras-me. E d'olhos perdidos
Na nevoa crepuscular,
Penso se serão gemidos
Ou me estarás a chamar.

O' minha Mae seductora
Que móras perto do Minho
Quem me dera n'esta hora
Um manto do teu carinho,

Um manto que m' envolvesse
Como um affago dos teus,
Como esta luz qu' esmorece
Par'cendo dizer adeus.

Pára, ó toque de Trindades,
Não chames para o Mysterio;
Deixa dormir as saudades
Dentro do meu cemiterio.

Com esse tanger medonho
Abres duas campas, que são:
Da velhinha do meu sonho,
D'uns amor's que já lá vão.

Duas campas que em seu olor
Respendem como em harpejos.
N'uma estão beijos em flôr,
N'outra estão flor's de beijos.

Ó noite que te approximas,
Noitinha, vem de vagar.
Cigarra das minhas rimas,
Cantas, estou p'ra chorar.

Ares da raya d' Hespanha,
Da raya de Portugal,
Ungi do rio á montanha
O meu berço e o meu coval,

O lindo rincão aonde,
Entre um AI! *e um* ALALÁ,
A minha alminha s'esconde
E o corpo repousará.

ÍNDICE.

PÁGINAS.

Envío. 13
O mal-da-terra. 19
As cantilenas. 61
Sonetos d' arrabalde. 81
Beira-Minho. 91
Pobres rimas ao vento. 107

Acabóse
de imprimir este libro en Vigo
en el Establecimiento tipográfico de Eugenio Krapf
bajo la dirección de Eugenio Rosenberger
el 10 de Septiembre de 1902
por encargo del señor
Don José Valle,
de Monsão
(Portugal).

ACADEMIA GALLEGA

Nas principaes livrarias e agencias de publicações

REAL
A
Bib

JOAO VERDE.

L ACAD
GALEGA
CORU
39
liotec